

"Históricos" exigem o rompimento

Ala do PMDB reúne 103 constituintes e defende eleições este ano

REJANE DE OLIVEIRA
Da Editora de Política

Após quatro horas de reunião, com a presença de 103 constituintes e algumas dezenas de militantes, a ala histórica do PMDB aprovou ontem documento defendendo a realização de eleições presidenciais este ano, a ruptura do partido com o Governo e a escolha de um candidato identificando com os ideais do grupo à Presidência da República. A nota, de quarenta e seis linhas, repudia ainda as "forças reacionárias" reunidas no Centrão e prega a renovação imediata das práticas partidárias, a partir de uma reunião do Diretório Nacional peemedebista, a ser realizada dentro de trinta dias.

O ponto alto do encontro, cujos resultados foram transmitidos ontem mesmo ao deputado Ulysses Guimarães, foi o emocionado discurso proferido pelo senador Mário Covas, líder na Constituinte, sobre o seu tema preferido: a história do PMDB e a necessidade de que seja resgatada. Ele conseguiu levantar o auditório, unido no coro "diretas-já", ao defender a realização de eleições presidenciais noventa dias após a promulgação da Constituição. "A Nação não aguenta esperar até novembro", advertiu.

Outro orador que agitou a plateia foi o deputado Fernando Lyra, ex-ministro da Justiça. Junto com a deputada Cristina Tavares e alguns integrantes do MUP, ele usou a tribuna para informar que não pretende continuar no PMDB, uma vez que o partido já estaria irremediavelmente esgotado. "Respeito os que ainda acreditam na possibilidade de resgatar o PMDB, mas não me incluo entre eles. O momento é de correr risco na formação de uma nova sigla que represente o presente, pensando no futuro do País".

AREUNIÃO

O tom dos discursos foi dado pelo senador Fernando Henrique Cardoso, líder no Senado, que abriu o encontro e o presidiu até o final. Ele começou justificando a ausência dos governadores, que não teriam sido convidados mas que, em muitos casos, estavam apoiando o movimento dos históricos. Depois deste preâmbulo, entrou direto no principal tema da reunião, pregando o rompimento com o Governo e eximindo o PMDB de qualquer responsabilidade pela atual situação nacional.

Acusando o Governo Sarney de incapacidade política, vacilação e insegurança, o senador paulista denunciou ainda a prática de perseguições políticas, especialmente contra os governadores que não se comportam segundo os interesses do Palácio do Planalto. "E como nos tempos em que o Maluf beneficiava os amigos e punia os inimigos de sua candidatura; estamos malufando outra vez".

Mas não é só de perseguições políticas que, segundo Fernando Henrique, vive o Governo. Há ainda a corrupção: "Hoje, para se obter um financiamento, ou se passa por escritórios especializados ou o processo simplesmente não caminha. O PMDB não pode continuar compactuando com isto".

O líder peemedebista no Senado também reservou críticas para os seus companheiros de partido alojados no Centrão, além de condenar o "imobilismo" da direção partidária, que até hoje sequer renovou os cargos da executiva nacional que estão vagos há quase um ano. Ao final, definiu o perfil do candidato do PMDB à Presidência da

República, que a seu ver só terá chance de vitória se nascer das bases da legenda: "Nosso candidato tem que ter a verdadeira cara do partido, e não a do PMDB travestido que hoje está no Governo, acomodado num emprego público e sempre disposto a agradar o príncipe. Com este nome e uma plataforma fiel às linhas programáticas, ou o PMDB renasce das cinzas ou as cinzas serão varridas".

Logo em seguida, Fernando Henrique abriu a tribuna aos oradores inscritos. O primeiro a falar foi o professor Hélio Jaguaribe, que fez um diagnóstico da situação nacional, considerando-a grave, mas não insolúvel. Ele concluiu defendendo modificações estruturais na política de governo.

VERGONHA

Depois foi a vez dos políticos. O senador José Richa confessou que andava envergonhado de sair às ruas devido ao desgaste do seu partido junto à opinião pública. Leu uma nota propondo uma série de medidas, entre as quais eleições este ano, e manifestou a convicção de que o PMDB tem condições de resgatar sua imagem histórica, desde que retome a linha programática e se afaste do Governo.

O deputado Raul Ferraz mostrou que não compensa para o partido apoiar o Governo, já que os ministérios que detêm a maior fatia das verbas públicas estão nas mãos de ministros identificados com o Centrão. Ele aproveitou para sugerir ao PMDB que libere o presidente Sarney para deixar a legenda e migrar para outra que seja mais compatível com sua política.

Quem também propôs rompimento-já foi o deputado Euclides Scalco, autor da proposta de convocação do Diretório Nacional peemedebista, dentro de trinta dias, para formalizar a idéia. A seguir, foi a vez do ex-ministro Bresser Pereira jurar que foi fiel às bandeiras partidárias durante sua permanência no Ministério da Fazenda, para finalizar defendendo as diretas-já e a adoção do regime parlamentarista.

Diatético, o senador José Fogi, que ensinou aos que falam em deixar o PMDB que é justamente este o interesse das classes dominantes. Ele prefere a alternativa de precipitar a luta interna pelo controle da legenda, com a expulsão dos adesistas. Não é o que pen-

sa o deputado Nelson Friederich, que falou em nome do MUP: "Fizemos o MDB e depois o PMDB, quando tudo parecia impossível. Não hesitaremos, se necessário, em começar tudo de novo".

Na mesma linha do ex-ministro Fernando Lyra, a deputada Cristina Tavares disse que é definitiva a sua decisão de deixar o PMDB. Na opinião dela, a legenda já cumpriu o seu "importante papel" na vida política nacional, mas agora está dominado pela direita e possuído de uma "ambigüidade andrógina".

Pimenta da Veiga, pressionado pelo seu problema regional (ele não se entende com o governador Newton Cardoso), tem pressa. Sugeriu que o Diretório Nacional se reúna no dia 3 de fevereiro para definir quem controla efetivamente o partido. Se os conservadores forem maioria, no seu entender, os históricos devem partir imediatamente para a criação de nova legenda.

Depois de uma ode de louvor à Constituinte, feita pelo deputado Egídio Ferreira Lima (para ele, qualquer discussão partidária deve ser posterior à promulgação da Carta Magna), o líder Mário Covas subiu à tribuna. Foi um discurso de grande efeito junto à plateia: lembrou os grandes nomes (mortos e vivos) do PMDB, acusou o Governo de ter optado pela direita ("O primeiro-ministro do Brasil é o Antônio Carlos Magalhães") e defendeu a realização de eleições noventa dias após o término da Constituinte.

Numa tentativa de reedição da campanha das diretas-já, os históricos convidaram o ex-ministro Dante de Oliveira para a reunião. Autor da emenda que terminou derrotada pelo Congresso em 84, ele foi ao microfone para apontar as eleições como única solução pacífica para a crise nacional.

O último a falar foi o ex-governador Franco Montoro. A seguir, o senador Fernando Henrique leu a nota que terminou aprovada pelo plenário. Não sem antes precisar convencer os que defendiam o repúdio explícito ao Centrão de que seria "superestimar" o movimento moderado incluído textualmente no documento. Terminou sendo acrescentado um item condenando os peemedebistas que se aliam às "forças reacionárias" dentro da Constituinte.

GIVALDO BARBOSA



Covas, na tribuna, dá o tom da reunião, o candidato deve ser contra o Governo

Grupo quer nome contra o Governo

A tese do governador de São Paulo, Orestes Quércia, de que o candidato do PMDB a sucessão presidencial deve contar com o apoio do presidente Sarney foi taxativamente criticada ontem na reunião dos históricos do partido. "Este apoio agora seria incoerente e até mesmo contraproducente", resumiu o senador José Richa, expressando a opinião geral das lideranças presentes ao encontro.

O senador Richa foi um dos coordenadores do grupo dos históricos que tentaram, até o último momento, barrar o crescimento do debate em torno do rompimento do PMDB com o Governo. Ontem, depois de afirmar em seu discurso que o próprio Governo já tomara a iniciativa do rompimento e que o distanciamento com o PMDB e cada vez maior, ele admitiu que "não seria desejável o rompimento imediato, mas temo que reconhecer que ele está se precipitando".

O rompimento e a nova vinculação da candidatura peemedebista com o Palácio do Planalto foram colocados também de forma clara pelo líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas. Em seu discurso, ele foi interrompido por aplausos ao afirmar que "o candidato do partido não deve ser apoiado por Sarney, pois a candidatura é contra o Governo e não a favor dele". O rompimento, para Covas, vai ser um processo natural de agora em diante.

O apoio de Sarney foi ainda redondamente rechaçado pelo líder no Senado, Fernando Henrique Cardoso, que, no final da reunião, observou que "não estamos mais em tempo de Colégio Eleitoral, o candidato não tem que ter apoio do Governo, tem que ter apoio do povo". O governador Quércia, na sua opinião, "falou por falar", quando defendeu a necessidade da liga-

ção entre a candidatura PMDB e o Governo.

Outro a se juntar ao coro de protestos quanto à vinculação foi o ex-ministro da Fazenda, Bresser Pereira, para quem o melhor candidato é o que reunir maiores condições eleitorais. Segundo ele, o atual Governo já nada tem a ver com o partido.

Atento ao raciocínio das principais lideranças, o deputado Paulo Ramos ironizou: "É uma reunião anti-Quércia". Para ele, a discussão, no fundo, gira em torno da dúvida sobre se é ou não imprescindível o apoio da máquina governamental para se ganhar as eleições. O governador paulista julgaria que sim. Outro ponto de conflito no partido — romper ou não com os peemedebistas do Centrão — também estaria condicionado, de acordo com Paulo Ramos às chances de vitória na corrida presidencial, na medida em que os votos dos centristas seriam avaliados, pelos mais avessos ao racha, como importantes na soma eleitoral.

Sem julgar essencial — mas até mesmo prejudicial — o apoio dos centristas no candidato do PMDB, o líder Fernando Henrique confia na "força de coação" do Diretório Nacional para afastar a corrente conservadora do partido e referendar as teses defendidas ontem pelos históricos. Se isso não acontecer, ele vai buscar um novo rumo partidário, o que já admite publicamente, ao contrário do senador Mário Covas, que prefere não adiantar sua posição se o Diretório não referendar o que foi aprovado pelo grupo.

Os três principais líderes do partido — Covas, Fernando Henrique Cardoso e José Richa, deixaram o auditório Nereu Ramos satisfeitos com o resultado da reunião.

O que diz a nota oficial

É o seguinte o texto da nota aprovada na reunião de ontem:

"A luta histórica do PMDB, sustentada há mais de 20 anos, pelas bases e lideranças partidárias, é pela democracia e por um projeto nacional de desenvolvimento, que promova o crescimento do País e corrija as desigualdades sociais e regionais.

O autêntico PMDB é um partido forjado nas trincheiras da resistência ao autoritarismo e sempre se manteve numa postura de seriedade e espírito público.

Suas teses programáticas foram provadas em administrações que exerceu nos vários planos da vida pública do nosso País e seus efeitos positivos foram reconhecidos pela população nas esmagadoras vitórias eleitorais do partido nos últimos anos.

Essa fidelidade ao programa está hoje comprometida por práticas políticas de clientelismo e fisiologia, que desmoralizam a função pública e fazem a sociedade descrever das instituições e dos governantes.

Teses que exprimem o programa do partido e a vontade majoritária da bancada do PMDB na Constituinte vêm sendo torpedeadas por forças reacionárias. Entre essas teses a que prevê a descentralização tributária e fortalece economicamente o município e o estado. Essa proposta, motivo de ampla negociação na Constituinte, é agora condenada pelo Governo Federal, que se recusa a abrir mão de seu poder centralizador.

O autêntico PMDB não pode silenciar ante essas práticas, sob pena de trair o compromisso que assumiu em praça pública com as mudanças morais e sociais. Deve denunciá-las à sociedade e lutar no âmbito da Constituinte e do partido para que prevaleçam posições que atendam aos interesses e à vontade do povo brasileiro.

Precisamos vencer as forças retrógradas que desencadeiam

manobras visando protelar a nova Constituição e retardar o fim da transição e a eleição do Presidente da República.

Conduzindo o maior movimento popular da nossa história, que promoveu o reencontro do Brasil com o regime democrático — a campanha das diretas — o PMDB assumiu a responsabilidade de promover a transição do autoritarismo para a democracia, que se encerra com a aprovação da nova Constituição e a realização de eleições presidenciais. Prolongar o transição é farsa.

Reunidos em Brasília, militante, parlamentares e lideranças do partido em todo o Brasil, empenhados na luta pelo resgate dos compromissos do movimento democrático brasileiro, se unem em torno dos seguintes pontos:

1. aprovação rápida da nova Constituição — Constituição já;
2. eleições presidenciais em 88;

3. reafirmação dos compromissos programáticos aprovados em convenção partidária e repúdio à ação dos membros do PMDB que se afastando desses compromissos se aliam às forças reacionárias dentro da Constituinte;

4. renovação imediata das práticas partidárias, a começar pelo preenchimento, dentro de 30 dias, das vagas da direção por representantes fiéis à linha programática;

5. reconhecimento, por decisão do Diretório Nacional a ser tomada nos próximos 30 dias, de que o Governo — por suas políticas, práticas e escolhas — afastou-se do PMDB, e que a este cabe opor-se às decisões do Governo que contrariam seu programa;

6. elaboração de uma plataforma para o Brasil a ser sustentada por um candidato à Presidência da República, que expresse autenticamente os ideais de luta democrática e mudança social que marcaram a história do PMDB".

GIVALDO BARBOSA



Na mesa, Scalco, Montoro, Richa e Cardoso

OS 103 QUE ESTAVAM LÁ

Abigail Feitosa	João Herman Neto	Nelson Friederich
Acival Gomes	Joaquim Sucena	Nilso Squarezzi
Almir Gabriel	Jorge Hage	Otávio Elísio
Anna Maria Rattes	José Carlos Greco	Osmir Lima
Antônio de Barros	José Carlos Saboia	Oswaldo Macedo
Aluizio Campos	Jose Costa	Oswaldo Lima Filho
Antonio Brito	José Dutra	Paulo Macarini
Antonio Gaspar	José Fogaça	Percival Muniz
Antonio Mariz	José Guedes	Plínio Martins
Antonio Pedroza	Jose Paulo Bisoi	Pimenta da Veiga
Artur da Távola	José Richa	Pompeu de Souza
Bernardo Cabral	José Serra	Paulo Ramos
Carlos Cotta	Jutahy Magalhães	Paulo Silva
Cássio Cunha Lima	Jutahy Junior	Raimundo Bezerra
Cello de Castro	Lezio Sathler	Raul Ferraz
Celso Dourado	Luiz Freire	Raquel Capiberibe
Chagas Rodrigues	Mansueto de Lacerda	Renan Calheiros
Cristina Tavares	Marcelo Cordeiro	Robson Marinho
Darcy Deitos	Marco Bragaglia	Ronaldo Aragão
Domingos Leonelli	Márcio Lacerda	Ronan Tito
Egídio Ferreira Lima	Mário Covas	Rosa Prata
Euclides Scalco	Mário Lima	Rose de Freitas
Fernando Bezerra Coelho	Maurício Fruct	Ruy Becelar
Fernando Gasparian	Maurilio Ferreira Lima	Ruy Nacel
Fernando Henrique Cardoso	Mauro Campos	Severo Gomes
Fernando Lyra	Mendes Canalle	Signarlinga Seixas
Francisco Carneiro	Mendes Ribeiro	Teotônio Vilela Filho
Francisco Kuster	Miro Teixeira	Uldurico Pinto
Genivaldo Correia	Moyse Pinentei	Valter Pereira
Geraldo Alcimin Filho	Nelson Carneiro	Vilson Souza
Geraldo Campos	Nelson Jobim	Walmar de Luca
Haroldo Saboia	Nelson Wedekin	Wilson Campos
Heio Duque		Wilson Martins
José Pinheiro		Ziza Valadares
Ivo Lech		

CORTINAS em GERAL
COLCHAS e
ALMOFADAS

PAÑEL em LONA CRUA RESINADA 0,90 X 2,70m
APENAS 1,500 a folha
OU SINAL, 500 + 2 x 500,00

INSTALAÇÃO
GRATIS

SÓ PAÑEIS D